

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



FIGUEIREDO, Fidelino de Sousa (Lisboa, 1888 – Lisboa, 1967)

Filho de José de Sousa Figueiredo, oficial do exército, e de Rosa Augusta Coelho da Fonseca (de Figueiredo), fez o curso secundário (1899-1906) no antigo Liceu Central de Lisboa, entrando depois no Curso Superior de Letras (1906-1910), onde concluiu Ciências Histórico-Geográficas com a apresentação da tese *Educação da Abstracção*. Em 1910 é admitido como professor de História e Filosofia no Liceu da Lapa. Em 9/02/1911, casou com D. Dulce Elisa Lobo da Costa (Figueiredo). Nesse ano é nomeado professor efectivo do Liceu de Faro.

Entre Abril e Maio de 1911, conjuntamente com Cristovão Aires, David Lopes e José Leite de Vasconcelos, cria a Sociedade Nacional de História, posteriormente designada Sociedade Portuguesa de Estudos Históricos (SPHE) Esta iniciativa, impulsionada por Fidelino, deu-lhe visibilidade na área da historiografia portuguesa, ao congregar, na Sociedade e na *Revista de História*, diversas personalidades de relevo no panorama cultural português, de diferentes quadrantes políticos.

Em 1913 é transferido para os Liceus João de Deus e Gil Vicente, em Lisboa. Trabalha em diversas ocasiões para o Ministério de Instrução Pública: elaboração de um programa de História para o ensino secundário (1914), dando corpo aos objectivos da SPEH de renovação dos estudos históricos nacionais, Chefe de Gabinete do Ministro da Instrução Pública no período sidonista (1917-18), e examinador extraordinário nas Escolas Normais Superiores das Universidades de Lisboa e Coimbra (1926-27).

Em reconhecimento do seu trabalho intelectual na área da História, da Literatura e da Crítica Literária, em 1915, é eleito sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa. Em 1917 é candidato à Câmara Municipal de Lisboa pelo Partido Unionista, entrando na política activa. Em 1918 é nomeado Director da Biblioteca Nacional, cargo de maior relevo neste período, voltando a desempenhá-lo em 1927, já com a Ditadura Militar.

Foi durante a “República Nova” de Sidónio, de quem foi um fiel apoiante, que teve uma actividade política mais intensa, tendo sido eleito deputado por Silves (Jul. 1918-Fev. 1919).

Em 1919, reconhecida a sua importância no mundo académico, foi aprovada por unanimidade a sua nomeação para a Faculdade de Letras de Porto. A mesma situação veio a ocorrer em 1922, quando foi nomeado professor na Escola Normal Superior de Lisboa. Em 1920, realizou a sua primeira viagem ao Brasil como conferencista, tomando posse como professor honorário na Faculdade de Filosofia e Letras do Rio de Janeiro e como sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Entre 1921 e 1925 foi, em três ocasiões, candidato a deputado pela Causa Monárquica no círculo eleitoral de Lisboa. Em oposição aberta ao regime republicano, defendeu soluções políticas da direita nacionalista, nomeadamente a instauração de um regime forte, com uma chefia carismática, tendo como modelo o sidonismo. Foi também nesse contexto que assumiu a direcção das revistas *Portugália - Revista de Tradição, Cultura e Renovação Nacional* (1925-1926), órgão das Juventudes Monárquicas Conservadoras e *Vasco da Gama* (1925-1927).

Após o 28 de Maio de 1926 e perante a incapacidade dos militares em resolver a situação política, Fidelino participou, a 12 de Agosto de 1927, no golpe dos “Fifis”, acabando preso e deportado para Angola. Foi o fim da sua participação na política activa. Evadindo-se durante a viagem, refugia-se em Espanha até 1929-30. Lecciona na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Madrid, é redactor do jornal *El Debate* e correspondente do *Diário de Pernambuco*.

O seu prestígio como intelectual, a nível internacional, leva-o a realizar uma conferência no Instituto Ibero-Americano de Praga, em 1929, a convite do governo, e a leccionar na Universidade Nacional Autónoma do México, em 1931, na Universidade de Berkeley – Califórnia (1931-32 e 1936-37) e nas Universidades de São Paulo (1938-39 e 1941-51) e Rio de Janeiro – Universidade do Brasil (1939-41). Como reconhecimento da sua hispanofilia, é eleito Sócio Honorário da Associação Americana de Professores de Espanhol em 1953.

Conferencista e ensaísta, repartiu a sua vida por Portugal, Espanha, Estados Unidos, México, Argentina e, especialmente, pelo Brasil, onde viveu parte da sua vida. Estas vivências estão reflectidas nas suas obras, em especial na variedade de assuntos tratados que vão da História à Literatura, da Crítica Literária ao Cinema, à Música e ao Jornalismo.

Em 1951 diagnosticado um problema de saúde de carácter neurovascular, regressa a Portugal onde veio a falecer em 1967.

O reconhecimento público oficial ocorre em 1957, com a atribuição da Grã-Cruz do Cruzeiro do Sul (Brasil) e do Grande Oficialato de Santiago da Espada (Portugal). O *Diário de Notícias* atribuiu-lhe um prémio pelo conjunto da sua obra, aproveitando o lançamento do livro *Um Homem na sua Humanidade*.

Fidelino de Figueiredo foi um interlocutor permanente com a elite intelectual do seu tempo, como atesta a sua extensa correspondência. Foi também um colaborador assíduo em jornais e revistas, nacionais e estrangeiros, havendo artigos seus em mais de 120 publicações periódicas.

Fidelino teve uma intervenção política que só durou até 1927, altura em que se envolveu numa tentativa de golpe militar (Golpe dos “Fifis”), em que acabou preso e exilado. Foi um político de segundo plano no panorama da 1ª República. Visto como um homem da cultura, as suas intervenções centraram-se na defesa de uma atitude de coerência ética e ideológica. Assumidamente conservador e nacionalista, em 1915, para além de membro da União Republicana de Brito Camacho, adere à Liga Nacional. Em 1918 abandona o partido quando os unionistas deixaram de apoiar Sidónio Pais. Foi candidato às eleições para a Câmara de Lisboa, (4 de Novembro de 1917), deputado (1918-19) e candidato ao parlamento (1921, 1922 e 1925). Na senda do sidonismo, em 1919 adere ao Partido Republicano Conservador. Nos acontecimentos de 19 de



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Outubro de 1921 («Noite Sangrenta»), Fidelino fazia parte da lista de personalidades a serem presas e, eventualmente, assassinadas, o que não ocorreu por se ter ausentado da sua residência. Foi a partir deste facto que o seu posicionamento político se radicalizou, mais «por protesto contra a República», aproximando-se da Causa Monárquica, onde participou como independente nas listas eleitorais (1921 e 1922) e com candidato plenamente integrado nessa área política, em 1925.

Como opositor do parlamentarismo, viu na Ditadura Militar a possibilidade de superar a crise política que arrastava o regime demoliberal. Contudo, cedo se desiluiu com a falta de rumo e, principalmente, com a falta de uma liderança política forte por parte dos novos governantes. É nesse sentido que vai participar numa gorada tentativa de golpe de estado (12-08-1927), acabando por marcar o fim da sua intervenção política activa.

Fidelino de Figueiredo destacou-se no panorama historiográfico português quando aos 22 anos publica o ensaio *O Espírito Histórico* (1910). Segue-se a fundação da Sociedade Nacional de História, depois Sociedade Portuguesa de Estudos Históricos (1911), cujo objectivo era a renovação dos estudos históricos em Portugal. Marcado pela influência historiográfica de Alexandre Herculano, Fidelino desenvolveu o seu trabalho numa dupla vertente: combater a concepção positivista dominante, ao rejeitar a verdade objectiva e intemporal e, por outro lado, criar um *corpus* metodológico baseado na relatividade do conhecimento histórico e na relação entre o passado e o presente. Nesse sentido, por influência das ideias de H. Berr, fomentou a produção de obras que sintetizassem o conhecimento adquirido baseadas nesta perspectiva.

Assumido o papel da subjectividade na História (B. Croce), Fidelino valorizou a intervenção do historiador no processo através da utilização de uma sólida base documental e da aplicação de uma metodologia específica, afastando-se dos modelos pré-definidos de análise histórica. Este método criou um novo quadro conceptual que se organizou a partir do conceito de evolução (H. Spencer), tendo em conta as «variações temporais» e as «sucessões causais» (visão diacrónica). Sendo o facto histórico único e irrepitível (não havendo leis mas nexos de causalidade), o papel do acaso ou a não previsão adquire particular relevo (influência de Oliveira Martins). Nesse sentido, a crítica é assumida como elemento epistemológico, particularmente como método (“a crítica como ciência”), em que se destacam a análise e a síntese. Esta última confere à memória do passado durabilidade e permanência, evitando-se o esquecimento.

Fidelino fez ainda a ligação da História com a Vida (Paul Bourget), tornando a História utilitária, isto é, a História constituiu-se como «ciência da vida», como denominador comum a todo o conhecimento, cabendo à Literatura o papel de síntese final desta concepção, ao aglutinar o conhecimento do Homem no seu contexto, com a experiência da própria Vida. Por isso, as “verdades históricas” seriam apenas aproximativas, meras aspirações relativas ao tempo em que são produzidas, uma vez que os factos não podem ser aferidos pela repetição.

No plano da aplicação da metodologia à História e à Crítica Literária, Fidelino procurou as causas dos fenómenos que explicam a sua evolução, determinando as características essenciais do que considerava ser a «arte superior»: em primeiro lugar, a beleza estética, particularmente na forma; em segundo lugar, a verdade, no que respeita aos conteúdos; e, finalmente, a utilidade, no que se refere à sociedade (para



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

quê?).

No que respeita ao tempo histórico, Fidelino apresentou uma estrutura integrada de periodização, organizada de forma hierárquica descendente ou, se preferirmos, em círculos concêntricos. O primeiro patamar (ou círculo) é constituído pelas «Eras», grandes períodos de tempo. No segundo nível estavam as «Épocas», que se integravam nas «Eras». Seguem-se os «Períodos», que constituíam gradações dentro das «Épocas» e, finalmente, os «Ciclos», que eram variações curtas de tempo. Fidelino utilizou esta estrutura temporal especialmente nas obras de síntese, com por exemplo na *História Literária de Portugal (séculos XII-XX)*.

Na fase final da sua vida Fidelino voltou a reflectir sobre o conceito de História. Nessa altura designou a História como «história integral», em que coexistem dois planos ou níveis: um superficial, dos factos episódicos que se sucedem, recolhidos sensorialmente, e outro, que respeita uma realidade mais profunda, aquilo a que designou por «infra-história», o que efectivamente determina a história superficial.

Fidelino foi um defensor da conservação e da valorização das bibliotecas e dos espólios nacionais e locais, em especial os afectos à Igreja, procurando que a aplicação da Lei da Separação do Estado das Igrejas não levasse à destruição desses acervos documentais. Nesse sentido apelou ao desenvolvimento do espírito histórico como forma de salvaguardar a memória e a identidade nacionais, perante a vaga de neofilia (“anti-histórica”) após o 5 Outubro de 1910 (*O Espírito Histórico*, 1910). Foi também com esse espírito que nasceu a Sociedade Portuguesa de Estudos Históricos (1911-1928), acompanhando a criação de Sociedades Históricas noutros países, no âmbito do movimento nacionalista europeu surgido desde meados do séc. XIX. A SPEH tinha no seu periódico, a *Revista de História*, a forma de divulgar os estudos que iam sendo realizados sobre História nacional e local, dando a conhecer os problemas da sociedade portuguesa numa perspectiva histórica e, por essa via, fundamentar as tomadas de opções políticas por parte do poder. A SPEH constituiu-se também como pólo de convergência de personalidades nacionais e estrangeiras ligadas à História de Portugal, de diferentes quadrantes políticos mas unidas numa base nacionalista e conservadora. O trabalho realizado, através da publicação da *Revista de História* e da organização de uma *Biblioteca de Estudos Históricos Nacionais*, não teve paralelo durante este período e nos períodos seguintes - Ditadura Militar e Estado Novo. Coube a Fidelino de Figueiredo, Secretário da SPEH e Director da *Revista*, o papel maior na implementação deste projecto.

Finalmente, para Fidelino, a afirmação de Portugal só poderia ser feita através da ligação e da confrontação com outros países e com outras culturas. Segundo ele, essa seria a forma de obter uma maior liberdade de pensamento e uma visão mais abrangente sobre a Cultura e sobre a Humanidade. Foi com essas ideias que promoveu e realizou estudos comparativos, permitindo aferir o nível da produção literária e historiográfica nacional. Além disso, esses estudos visavam também reforçar o espírito nacionalista, num sentido cosmopolita, integrando a cultura portuguesa nas correntes culturais europeias, afastando-se assim dos nacionalismos exclusivistas ou xenófobos emergentes nesse período.

Em suma, Fidelino foi uma personalidade conservador, um “tradicionalista dinâmico”, como se designou, cujo objectivo era a procura e a recuperação da memória histórica nacional. Não foi um historiador erudito.

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Foi principalmente um organizador e um coordenador de actividades que facilitaram e proporcionaram o surgimento de estudos históricos e literários. Produziu um trabalho relevante na área da metodologia da História e da Crítica Literária. O seu papel na renovação desses estudos, como alternativa à visão positivista de Teófilo Braga, é um claro exemplo do esforço intelectual que desenvolveu ao longo da década de 1910. Forte opositor da instabilidade política e da corrupção governativa durante a 1ª República, vê em Sidónio Pais e no Sidonismo um exemplo marcante do que considerava ser a essência do poder - ordem, disciplina, liderança e renovação - conceitos estruturantes do seu pensamento construídos a partir de um modelo governativo tipificado na “República Nova”. Fidelino foi um intelectual que teve um papel de charneira na viragem intersecular. Marcado pela herança da Geração de 70 a nível da Estética, da História e da Política, tornou-se num Homem de pensamento e de cultura.

Bibliografia activa: *O Espírito Histórico*, 2ª Edição, Lisboa, Liv. Clássica Editora, 1915; *Estudos de Literatura. Artigos Vários*, 1ª Série (1910-1916), Lisboa, Liv. Clássica Editora, 1917; *Estudos de Literatura. Artigos Vários*, 2ª Série (1917), Lisboa, Liv. Clássica Editora, 1918; *Estudos de Literatura. Artigos, Discursos e Conferências*, 3ª Série, Lisboa, Liv. Clássica Editora, 1921; *Estudos de Literatura. Artigos Vários*, 4ª Série, Lisboa, Portugália Liv. Editora, 1924; *Sob a Cinza do Tédio*, Lisboa, Emp. Literária Fluminense, 1925; *O Pensamento Político do Exército*, Lisboa, Empresa Literária Fluminense, 1926; *Notas para um Idearium Português. Política e Literatura*, Lisboa, Liv. Sá da Costa, 1929; *Crítica de Exílio*, Lisboa, Liv. Clássica, 1930; *Ideias de Paz*, Lisboa, Portugália Editora, 1966.

Bibliografia passiva: AMORA, António Soares, *O Essencial sobre Fidelino de Figueiredo*, Lisboa, IN-CM, 1989; BIBLIOTECA NACIONAL, *Fidelino de Figueiredo (1888-1967)*, Lisboa, BN, 1989; CARNEIRO, Mário, *O pensamento filosófico de Fidelino de Figueiredo*, Lisboa IN-CM, 2004; CARNEIRO, Mário, «Fidelino de Figueiredo», in *História do Pensamento Filosófico Português*, Vol. V, Tomo 1, Lisboa, Ed. Caminho, 2000, pp. 402-424; CORREIA, Hélder, *Fidelino de Figueiredo na cultura histórica e política do seu tempo (1889-1927)*, Lisboa, Faculdade de Letras, Tese de Mestrado, 2002.

Hélder Correia



APOIOS:

